



# A hermenêutica de Hans-Georg Gadamer e a interpretação Bíblica: Uma possível contribuição

Alonso Gonçalves<sup>1</sup>

**Resumo:** Tomando alguns aspectos da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer por entender que ele oferece certos critérios para uma interpretação que leve em consideração o estado do *interpretante* e àquilo que está sendo interpretado, o filósofo alemão pode contribuir para uma leitura bíblica mais próxima da realidade do interpretante. Para exemplificar essa possibilidade, sintetizo dois autores – Carlos Mesters e Andrés Torres Queiruga – como modelos para uma interpretação bíblica que contemple a historicidade e as predisposições dos leitores e leitoras da Bíblia.

**Palavras-chave:** Hermenêutica, leitura Bíblica, protestantismo, interpretação.

**Abstract:** Taking some aspects of the philosophical hermeneutics of Hans-Georg Gadamer understanding that it provides certain criteria for an interpretation that takes into account the state of the interpreter and that which is being interpreted, the German philosopher can contribute to a Bible reading closer to reality interpretant. To illustrate this possibility, synthesize two authors – Carlos Mesters and Andres Torres Queiruga – as models for a biblical interpretation that addresses the historicity and the predispositions of the readers and readers of the Bible.

**Keywords:** Hermeneutics, Bible reading, Protestantism, interpretation.

## Introdução

*Toda compreensão é interpretação e  
toda interpretação se faz no seio da linguagem*

MANFREDO ARAÚJO DE OLIVEIRA

.....  
1 Pastor Batista (Igreja Batista Central em Pariquera-Açu/SP). Mestrando em Ciências da Religião (UMESP), Licenciado em Filosofia (ICSH) e Bacharel em Teologia (FAETESP). Autor do livro *Cristologia protestante na América Latina: uma nova perspectiva para a reflexão e o diálogo sobre Jesus*. São Paulo: Arte Editorial, 2011.

O protestantismo, de um modo geral, sempre pautou a concepção de revelação a partir da Bíblia. Desde que a Reforma Protestante colocou no texto bíblico o *status* de ser o único critério de autoridade em questões de fé, diversas confissões doutrinárias foram feitas com o propósito de delimitar a compreensão da fé e da revelação. Ocorre que essa tarefa não se deu de maneira unívoca, mas, pelo contrário, suscitou divergências teológicas e interpretativas da Bíblia.

Não faltaram estudos e produções sobre a exegese bíblica tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. O século XX viu uma infinidade de concepções, ideias e pluralidade na interpretação bíblica, principalmente no auge do movimento conhecido como alta crítica e quando do surgimento do método histórico-crítico.

Dentre tantos autores, destaco um em particular: Rudolf Bultmann. Ele popularizou a palavra demitização.<sup>2</sup> Bultmann fez uma leitura do Novo Testamento a partir da demitologização procurando demonstrar que a mensagem do Novo Testamento precisava ser compreendida a partir de um vocabulário mitológico e pré-científico.

Outra pesquisa que causou alvoroço foi a chamada crítica da forma. Diversos textos da Bíblia foram examinados e algumas conclusões não agradaram a todos. Textos que eram até então sacralizados em sua autoria como, por exemplo, o Pentateuco, atribuído a Moisés, os evangelhos sinóticos, bem como algumas cartas de Paulo, foram tratados dentro de quesitos literários e culturais. Esse procedimento, de certa forma, desqualificou a ideia de que o texto sagrado fosse uma espécie de produto final de Deus ao ser humano.

O contraponto veio pelo viés *fundamentalista* estadunidense. A intenção foi resgatar a *ortodoxia* doutrinária e defender (apologeticamente) a fé de possíveis interpretações “equivocadas” da e sobre a Bíblia.

Essa disputa hermenêutica demonstra que a Bíblia sempre será polissêmica em sua interpretação. Não será possível uma hermenêutica taxativa e definitiva sobre o texto sagrado. Tanto a demitização de Bultmann quanto o literalismo do círculo teológico de Princeton indicam que o interpretante está envolvido com certos critérios de sentido como, por exemplo, a noção de história, ou seja, uma interpretação que dê conta de certos questionamentos levantados pelo momento em que está se vivendo. Além disso, ao interpretante é impossível uma imparcialidade diante do texto, pois sua interpretação, antes mesmo do estranhamento do texto, já é concebida com certos preconceitos.

O procedimento hermenêutico sempre implicará em certos critérios de interpretação. A questão está exatamente no escolher certos critérios interpretativos e abandonar outros, uma vez que o interpretante nunca estará isento de influências, sejam elas internas ou externas.

.....  
2 Cf. BULTMANN, Rudolf. *Demitologização*: coletânea de ensaios. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

Sendo assim, a hermenêutica precisa ser estudada em seus pressupostos epistemológicos, procurando os melhores critérios para o ato de interpretar.

É neste sentido que tomo alguns aspectos da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer por entender que ele oferece certos critérios para uma interpretação que leve em consideração o estado do interpretante e àquilo que está sendo interpretado (o texto) com certa autonomia na produção de sentido. Seus critérios podem contribuir para uma leitura bíblica mais próxima da realidade do interpretante.

## A hermenêutica elevada à condição filosófica

A hermenêutica filosófica ganha significativa perspectivas a partir das reflexões de Friedrich Schleiermacher. Com ele, a hermenêutica passa a ter certa autonomia diante de outras correntes filosóficas. Schleiermacher desenvolve uma filosofia da religião tendo como base o sentimento religioso e a experiência religiosa. Sendo um dos principais percussores da hermenêutica, Schleiermacher irá influenciar outro hermeneuta, Wilhelm Dilthey.

A partir de Schleiermacher, a hermenêutica passa a ter duas características gerais: a contingência histórica e a linguagem<sup>3</sup> como pressupostos para o ato de interpretar. Se antes a tentativa era buscar a verdadeira intenção do objeto – no caso aqui, do texto – sem a precedência de certas categorias hermenêuticas como a historicidade e a linguagem, com Schleiermacher há uma reviravolta hermenêutica onde a compreensão do interpretante passa, precisamente, pela relação dos significados que este atribui à realidade juntamente com sua vivência histórica.

O procedimento hermenêutico de Schleiermacher foi vinculado ao romantismo. O romantismo alemão ficou em evidência a partir da metade do século XIX como reação ao Iluminismo. Os valores racionais foram depreciados e em compensação os aspectos psicológicos como a intuição e a imaginação, ganharam conotação filosófica.<sup>4</sup> A hermenêutica no romantismo “consiste na reconstrução total do horizonte cultural antigo, com o qual o intérprete trata de sintonizar”.<sup>5</sup> Se com o Iluminismo a história e sua tradição era vista com certos desdém, com o romantismo o patrimônio cultural e histórico é elevado à categoria hermenêutica.

Outra coisa que a hermenêutica romântica estabelece é uma distinção importante em relação à exegese. Essa última consiste em explicar o texto a partir da sua letra; já a hermenêutica trata de uma compreensão na qual o texto a ser interpretado e o interpretante são conectados

.....

3 Cf. JOSGRILBERG, Rui. *Hermenêutica fenomenológica e a tematização do sagrado*. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. (Org.). *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 33.

4 Cf. JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 237.

5 BARRERA, Julio Trebolle. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 679.

dentro de uma relação dialética. Assim, interpretar se dá na atualização do significado quando este é relacionado com o tempo e a história do interpretante.<sup>6</sup>

Schleiermacher será criticado por dar mais importância ao método psicológico, desconsiderando o gramatical,<sup>7</sup> mas a hermenêutica não foi mais a mesma depois de suas reflexões. Como já mencionado, a grande contribuição de Schleiermacher para a hermenêutica foi dar a ela um grau de importância dentro da filosofia e, depois dele, filósofos como Dilthey e Martin Heidegger ampliaram a temática da hermenêutica possibilitando novos caminhos.

A contribuição de Heidegger para a hermenêutica se deu na concepção da compreensão. Com ele a ideia da compreensão toma uma dimensão ontológica. Para o filósofo alemão, autor de *Ser e tempo*,<sup>8</sup> o ser homem significa compreender.<sup>9</sup> Compreender se dá na antecipação do sentido que se espera. Heidegger irá influenciar profundamente Hans-Georg Gadamer.

Dentre os autores que ampliaram a temática da hermenêutica está o filósofo alemão Gadamer que foi aluno de Heidegger. Gadamer garantiu certo *status* epistemológico para a hermenêutica depois da publicação de *Verdade e método*.<sup>10</sup> O livro supera as expectativas de Gadamer, tornando a obra uma referência para a filosofia hermenêutica.<sup>11</sup>

Com a sua publicação em 1960,<sup>12</sup> Gadamer entra para a seleta lista de filósofos que se preocuparam em atender a problemática da hermenêutica com eixos filosóficos diferenciados. Um deles é a concepção da historicidade da compreensão como princípio hermenêutico, herança de Heidegger.<sup>13</sup>

## O círculo hermenêutico de Hans-Georg Gadamer

Para Gadamer, a *historicidade do compreender* é construída da seguinte maneira: compreende-se o mundo por meio da interpretação, sem a qual é impossível fazer uma leitura da

.....

6 Cf. BARRERA, A *Bíblia judaica e a Bíblia cristã*, p. 680.

7 Cf. PANASIEWICZ, Roberlei. *Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 28.

8 Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

9 Cf. MANNUCCI, Valério. *Bíblia palavra de Deus: curso de introdução à Sagrada Escritura*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 328.

10 Cf. GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

11 Cf. VIGO, Alejandro. Hans-Georg Gadamer y la filosofía hermenêutica: la comprensión como ideal y tarea. *Estudios Públicos*, 87, 2002. Disponível em: <[http://www.cepchile.cl/1\\_3145/doc/hans-georg\\_gadamer\\_y\\_la\\_filosofia\\_hermeneutica\\_la\\_compreension\\_como\\_ideal\\_y\\_tar.html#UWydMEqLyes](http://www.cepchile.cl/1_3145/doc/hans-georg_gadamer_y_la_filosofia_hermeneutica_la_compreension_como_ideal_y_tar.html#UWydMEqLyes)>. Acesso em: 05 abr. 2013.

12 Cf. STEIN, Ernildo. A consciência da história: Gadamer e a hermenêutica. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/gadamer.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

13 Cf. GADAMER, *Verdade e método*, p. 400.

realidade e da história. A história pertence à *tradição*, ou seja, somos seres que fomos influenciados por tradições do passado, e essas tradições já são conseqüências interpretativas. Nesse caso, Gadamer entende que não atingimos a realidade através de um conhecimento de tipo imediato, como quer o empirismo, ou seja, toda constatação de alguma coisa pressupõe um sujeito, e todo sujeito pressupõe um contexto histórico.<sup>14</sup> A interpretação só acontece porque há predisposições e preconceitos como elementos constitutivos do ato de interpretar. Diante disso, a hermenêutica se dá essencialmente na história que em seu movimento produz tradição que por sua vez influencia o interpretante em suas predisposições e preconceitos para uma compreensão do mundo.<sup>15</sup>

Sendo assim, a pré-compreensão é, por si, um pressuposto necessário para a compreensão que, concomitantemente com a tradição, dará sentido para o interpretante.<sup>16</sup>

Com essas concepções, Gadamer trata a historicidade da compreensão como elemento hermenêutico.<sup>17</sup> Isso se dá porque para Gadamer o ser humano pertence à história, e pertencer significa estar ligado a uma tradição histórica, a uma língua, a uma cultura, e todos esses elementos determinam a pré-compreensão do interpretante.<sup>18</sup> O círculo hermenêutico se dá a partir do sujeito que experimenta o mundo sempre com algum sentido. Gadamer chama esse sentido de pré-compreensão ou predisposições, sendo esses elementos sempre presentes por meio da experiência do sujeito. Sendo assim, a “hermenêutica é essencialmente uma reflexão sobre a influência da história, ou seja, uma reflexão que tem como tarefa tematizar a realidade”.<sup>19</sup>

O círculo hermenêutico de Gadamer parte do seguinte pressuposto: o sujeito interpretante, que no decorrer de sua vida absorveu certo patrimônio cultural e esse patrimônio cultural, que foi sendo gestado no transcorrer da história, é que possibilita o elemento da pré-compreensão. É com essa pré-compreensão que o intérprete se coloca diante do texto e dele tira, num primeiro momento, o seu significado. Esse processo pode ser revisto se não for encontrado no texto ou no seu contexto o sentido que o interpretante está atribuindo ao texto, pois “quem procura compreender está exposto aos erros derivados de pré-disposições que não encontram confirmação no objeto”.<sup>20</sup> É nisso que se dá o processo hermenêutico, ou seja, quando

14 Cf. MANNUCCI, *Bíblia palavra de Deus*, p. 330.

15 Cf. VV.AA. *O livro da filosofia*. São Paulo: Globo, 2011, p. 260-261.

16 Cf. BARRERA, *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã*, p. 681.

17 Cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 229.

18 Cf. RIPANTI, Graziano. A alteridade da hermenêutica teológica. In. PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (Orgs.). *Deus na filosofia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 376.

19 OLIVEIRA, *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*, p. 230.

20 REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. São Paulo: Paulus, 2006, vol. 6, p. 251.



um sentido não pode ser correspondido, procura-se por outro e assim por diante, entendendo que a tarefa hermenêutica é infundável.

Gadamer, como já foi possível perceber, irá dar um tratamento diferente ao conceito *preconceito*.<sup>21</sup> Comumente entendido pejorativamente, Gadamer não trata o *preconceito* como sendo algo *falso*; antes disso, o *preconceito* é um *conhecimento prévio* podendo ser verdadeiro ou falso, no sentido de verificabilidade.<sup>22</sup> Outra concepção gadameriana, é de que o *preconceito* é impossível ser neutralizado, pois ele faz parte da historicidade do sujeito interpretante. *Preconceito* em Gadamer é elevado a princípio hermenêutico por entender que o interpretante não enfrenta o texto como sendo ele uma *tabula rasa*, pelo contrário, ele o enfrenta cheio de expectativas e ideias. É no *choque* entre texto e interpretante que ocorre a hermenêutica, forçando o interpretante a dar conta de seus preconceitos e pré-juízos.<sup>23</sup>

Passo a exemplificar a aplicabilidade do círculo hermenêutico de Gadamer a partir de autores que tem dado uma rica contribuição para uma hermenêutica que leva em consideração a *historicidade* e as *predisposições* do interpretante.

## A hermenêutica gadameriana e a interpretação bíblica

Não cabe aqui levantar as possíveis falhas no pensamento hermenêutico e filosófico de Gadamer. Aliás, é conhecida a troca de ideias e controvérsias entre ele e Habermas em torno da hermenêutica universal.<sup>24</sup> Não apenas Habermas, mas Klaus Berger também emite sérias críticas ao pensamento hermenêutico de Gadamer.<sup>25</sup> Aqui interessa algumas intuições da hermenêutica gadameriana como uma possível contribuição à interpretação bíblica, entendendo essa contribuição a partir da cultura latino-americana.

Passo a considerar alguns autores que, de alguma maneira, podem ser identificados com alguns elementos da hermenêutica gadameriana.

Uma vez que alguns métodos hermenêuticos não são mais considerados hegemônicos, como por exemplo, o estruturalismo e o método histórico-crítico, embora ambos tenham contribuído e ainda continuam contribuindo para uma exegese bíblica contemporânea, está sendo feita outras leituras a partir de novos paradigmas. Outras formas de interpretar a Bíblia têm

21 Cf. GADAMER, *Verdade e método*, p. 416.

22 Cf. MONDIN, Battista. *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. São Paulo: Paulus, 1980, p. 155.

23 Cf. REALE; ANTISERI, *História da filosofia*, p. 253.

24 Cf. NEGRU, Teodor. O debate entre Gadamer e Habermas e a universalidade da hermenêutica. Disponível em: <[http://www.academia.edu/406539/Negru\\_T\\_O\\_debate\\_entre\\_Gadamer\\_e\\_Habermas\\_e\\_a\\_universalidade\\_da\\_hermeneutica](http://www.academia.edu/406539/Negru_T_O_debate_entre_Gadamer_e_Habermas_e_a_universalidade_da_hermeneutica)>. Acesso em: 18 abr. 2013.

25 Cf. BERGER, Klaus. *Hermenêutica do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 134ss.

aparecido no cenário acadêmico e eclesial e uma delas que anda ganhando espaço é a leitura *semiótica* da Bíblia. Isso está sendo possível porque velhos paradigmas estão sendo “abandonados”, enquanto novos estão tomando forma em ambientes acadêmicos e comunitários. A era das complexidades, ou seja, o envolvimento de diferentes áreas do conhecimento contribuindo para uma leitura que contemple a dinamicidade do ser humano, tem favorecido novos projetos e novas hermenêuticas, inclusive na área da exegese e hermenêutica bíblica.

No segmento da hermenêutica bíblica houve um borbulhar de novos interlocutores, ou seja, o surgimento de sujeitos históricos em diálogo com o texto bíblico tem produzido uma série de trabalhos acadêmicos e comunitários: a questão agrária; das mulheres; dos índios; dos pobres de maneira geral; dos negros. Todos esses sujeitos foram levados a sério na sua dignidade, colaborando para o surgimento de uma concepção hermenêutica que interpreta a Bíblia a partir da historicidade e predisposições dessas pessoas. Com isso, houve uma importante mudança de paradigma na hermenêutica e na exegese bíblica: não se foca mais o texto como detentor de valor em si mesmo, mas agora a perspectiva passa por sua *significação* para os leitores e leitoras da Bíblia a partir da historicidade dos sujeitos interpretantes.<sup>26</sup>

Para exemplificar, passo a sintetizar alguns autores que servem como modelos para uma interpretação bíblica que contemple a historicidade e as predisposições dos leitores da Bíblia. São eles: *Carlos Mesters* e *Andrés Torres Queiruga*.

### **CARLOS MESTERS**

É um teólogo holandês radicado no Brasil desde 1949. Com uma profunda sensibilidade espiritual, ele procura imprimir a Bíblia na vida do povo a partir de uma hermenêutica popular que atenda as necessidades de gente marginalizada em diferentes contextos do país. Tomo o círculo hermenêutico de Mesters por entender que ele oferece uma leitura bíblica libertária onde princípios hermenêuticos são canalizados a partir da história do povo, ou seja, o sujeito interpretante. É neste sentido que identifique um possível diálogo entre Mesters e Gadamer, por exemplo.

Diante das dificuldades do povo que lê a Bíblia, Mesters propõe uma hermenêutica que seja inclusiva e historicamente comprometida com a realidade da vida.

O círculo hermenêutico de Mesters tem três aspectos: (1) a comunidade e seu contexto histórico de vida; (2) a Bíblia como texto que produz sentido; (3) a realidade que exige uma compreensão sendo, portanto, um pré-texto para a leitura bíblica.<sup>27</sup> A hermenêutica de Mes-

26 Cf. ZABATIERO, Júlio. Novos rumos na pesquisa bíblica. In. ZABATIERO, Júlio; SANCHEZ, Sidney; ADRIANO FILHO, José. *Para uma hermenêutica bíblica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 194.

27 Cf. MESTERS, Carlos. O uso da Bíblia nas comunidades cristãs de base. In. TORRES, Sérgio (Org.). *A igreja que surge da base: eclesiologia das comunidades cristãs de base*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 299.

ters procura ler aquilo que o povo consegue entender a partir de sua historicidade e condição real. Ele leva em consideração o *pré-texto* da realidade que circunda o sujeito interpretante; o *contexto* do povo que lê a Bíblia na sua comunidade de fé; a Bíblia como *texto* que direciona a comunidade na sua busca por *sentido*.<sup>28</sup> A hermenêutica de Mesters contribui para uma interpretação bíblica que contempla a situação do povo, o seu contexto e o texto como produtor de sentido para o *modus vivendi* da comunidade de fé.

### ANDRÉS TORRES QUEIRUGA

É um teólogo espanhol que, em sua tese doutoral, escreveu uma obra considerada magistral: *A revelação de Deus na realização humana*.<sup>29</sup> Neste trabalho, Torres Queiruga expõe seu método teológico conhecido como “**maiêutica histórica**”. O velho método dialético socrático toma forma teológica. A proposta é buscar uma síntese entre transcendência e imanência. A revelação vem de fora, mas encontra ressonância no ser humano.

Partindo de eixos condutores como a exegese contemporânea e a teologia das religiões, ou seja, a contribuição da exegese na solução de questões bíblicas que até então eram inquestionáveis e a teologia das religiões como formas revelacionais, Torres Queiruga quer mostrar que aquela ingenuidade de pensar que os homens e as mulheres da Bíblia vivenciaram a sua ética, culto e religiosidade como algo expressamente revelado não poderia ser mais concebível. O povo de Israel viveu sua fé que incluiu, naturalmente, vicissitudes como tramas, conquistas, derrotas, alegrias e tristezas. Suas histórias foram ganhando corpo escrito depois do exílio babilônico. E se há revelação no texto, como há de fato, ela surgiu como consequência de um processo de fé que modelou seu pensamento e experiência. O texto não surgiu como palavra feita e dada no nada e no vazio, pelo contrário, o texto recolhe sagas, mitos, festas, lendas, folclore para dar clareza ao passado de Israel e sua experiência originária com o conhecido *Iahweh*. O mesmo acontece com os escritos neotestamentários: a experiência com o Deus de Israel e sua manifestação no Jesus de Nazaré e a ressurreição como confirmação de que ele era o filho de Deus – dentro do imaginário religioso e cultural –, possibilita a comunidade vivenciar a sua fé sem pretensão alguma de construir dogmas ou fazer doutrinas, pelo menos num primeiro momento.<sup>30</sup>

Para Torres Queiruga, a Bíblia nasceu do descobrimento de Deus na vida de um povo. Antes mesmo de passar pela pena de um redator, ele é fruto de uma experiência revelacional. O texto já é um *produto* revelacional e não, propriamente, a revelação. A revelação não aparece como palavra feita, como oráculo de uma divindade escutada por um vidente, mas como experiên-

28 Cf. MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 42.

29 Cf. QUEIRUGA, Andrés Torres. *A revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995.

30 Cf. QUEIRUGA, *A revelação de Deus na realização humana*, p. 32.



cias vivas de uma gente que narra suas histórias a partir de sua historicidade e predisposições culturais e linguísticas.

O texto não pode ganhar *status* revelacional cabalmente, como uma espécie de ditado, comum no literalismo fundamentalista. Ele possui fragilidades, debilidades, ele é uma narrativa essencialmente humana, antes de ser divina. As contradições, as ambivalências, o caráter histórico, vem corroborar de que o texto é humano, demasiadamente humano-divino.

## Considerações finais

Observando ligeiramente a maneira de como o protestantismo lê a Bíblia, vemos que o protestantismo de imigração valorizou uma hermenêutica a partir do método histórico-crítico, um esforço para determinar o sentido histórico do texto. Já no protestantismo de missão, a leitura se deu no embate com o catolicismo, ou seja, demonstrar *verdades* diante dos equívocos doutrinários do catolicismo.<sup>31</sup> A hermenêutica protestante tende a desconsiderar a natureza cultural e temporal da Bíblia, acreditando ser ela a “voz de Deus” em qualquer sentido e tempo, até mesmo como elemento para contradizer a ciência, como é o caso da polêmica nos Estados Unidos sobre criacionismo e evolucionismo.

Outra característica da hermenêutica protestante é a tendência de procurar perscrutar o texto como se ele fosse um fim em si mesmo. É o caso do estudo das línguas originais da Bíblia: hebraico e grego. É comum entender que uma vez de posse dos originais, é possível entender o que Deus realmente estava dizendo. A língua vernácula não expressa de fato as “palavras de Deus”, os originais sim. É claro que as nossas traduções precisam ter credibilidade textuais, quanto a isso aqui no Brasil tem muita gente competente garantindo a confiabilidade de nossas traduções. O problema é o uso indiscriminado do literalismo das línguas originais como instrumento hermenêutico, como se a palavra que foi usada comumente na cultura e no contexto literário dos autores bíblicos tivessem um *poder* para que o seu *real* significado surgisse e disso tirar uma interpretação fidedigna.

O que se vê de leitura bíblica em ambientes protestantes é uma hermenêutica que tende a apagar a diversidade de formas e estilos literários da Bíblia, ignorando os autores e as comunidades que estão por trás do texto juntamente com suas circunstâncias e contextos. Infelizmente, se popularizou a ideia de que para entender o texto bíblico, é preciso olhar os originais, pois somente assim é possível entender a Bíblia em seu real significado hermenêutico.

Essa maneira de interpretar a Bíblia é prejudicial para a comunidade que fica refém do pregador que subtende, em alguns casos, que conhece melhor a Bíblia porque fala e conhece

.....

31 Cf. ZABATIERO, Júlio. Hermenêutica protestante no Brasil. In. FERREIRA, João Cesário Leonel (Org.). Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009, p. 139.

algumas palavras em hebraico ou grego. Essa postura tem dificultado um ponto comum da interpretação bíblica nas comunidades protestantes: o livre-exame da Bíblia, um dos principais valores da Reforma.

Faz-se necessária uma leitura bíblica que valorize a vida e a condição em que a pessoa vive; uma hermenêutica que leva em consideração os anseios do sujeito interpretante antes mesmo da doutrina fixada. Esse tipo de hermenêutica é possível. Tanto Mesters como Torres Queiruga demonstram essa plausibilidade. É uma leitura que leva em consideração a rica ignorância do povo para com a Bíblia e dele, do povo, tira o combustível necessário para o ato hermenêutico. Mesters procura fazer a aproximação da similaridade do povo e dos autores bíblicos com o povo que hoje lê a Bíblia procurando nela categorias de sentido para o viver cotidiano.<sup>32</sup> Torres Queiruga, por outro lado, parte da construção histórica dos personagens bíblicos, entendendo que, antes de qualquer fundamentação teológica, há neles uma construção literária que leva em consideração a cultura e a tradição do texto bíblico. Sendo o texto bíblico fruto de elementos históricos e linguísticos, eles se tornam produtores de sentido para o leitor e a leitora de hoje.

Juntamente com Gadamer, esses autores demonstram de que é possível conceber uma hermenêutica que tenha como critérios a história e o ato de compreender passando, de maneira indelével, pelas concepções do interpretante. A imparcialidade é uma pretensão que não se confirma na hermenêutica. Seres históricos, marcados pela contingência histórica, são portadores de pré-disposições e preconceitos sobre um determinado assunto ou objeto. O círculo hermenêutico se dá a partir de certas condições entre o interpretante e o objeto. Neste sentido então, é impossível uma hermenêutica isenta de qualquer conhecimento prévio. Mas isso não inviabiliza uma atividade hermenêutica, pelo contrário, para Gadamer a hermenêutica de textos antigos, como no caso da Bíblia, por exemplo, é uma tarefa exitosa porque “quanto mais nos afastamos cronologicamente do texto, mais deveremos nos aproximar dele com melhor compreensão, posto que aumentam os dados de consciência que nos põem em condição de descartar as interpretações errôneas ou mesmo adequadas, e substituí-las por interpretações novas e mais justas”.<sup>33</sup>

Outra contribuição hermenêutica gadameriana é a ideia de que o texto, uma vez produzido, ganha *vida autônoma* e seus efeitos na história podem ser sentido posteriormente sem mais o controle do seu autor ou autores.<sup>34</sup> Dentro disso, caberia aqui esboçar uma *teoria da recepção* – outra tendência na hermenêutica contemporânea – uma vez que o ato hermenêutico é esta-

.....  
32 Cf. MESTERS, Carlos. Por trás das palavras: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

33 REALE; ANTISERI, *História da filosofia*, p. 255.

34 Cf. REALE; ANTISERI, *História da filosofia*, p. 254.

belecido pela comunicação entre a expectativa do autor que se traduz no texto e do leitor que transfere suas expectativas ao texto de maneira simultânea.<sup>35</sup>

O círculo hermenêutico gadameriano – assim como foi sintetizado – pode ser visualizado na hermenêutica de Mesters e Torres Queiruga. Ambos procuram fazer uma leitura da Bíblia a partir da história do povo e sua realidade de vida, onde a mediação com a Bíblia passa pelo pré-texto da realidade e o contexto do povo que lê a Bíblia na comunidade de fé.

Gadamer pode contribuir a partir do seu círculo hermenêutico – historicidade, predisposições e preconceito – com uma leitura de texto que leve em consideração as pré-disposições do interpretante. Por outro lado, Mesters e Torres Queiruga, de certa forma, realizam similarmente um círculo hermenêutico que corresponde às categorias de Gadamer. Ambos partem de uma interpretação bíblica que tem como ponto de referência a realidade do povo, buscando na Bíblia códigos que dê sentido para a comunidade que tem na Bíblia a concepção de ser ela a *palavra de Deus*.

## Referências Bibliográficas

- BARRERA, Julio Treballe. A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BERGER, Klaus. Hermenêutica do Novo Testamento. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- BULTMANN, Rudolf. Demitologização: coletânea de ensaios. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- FERREIRA, João Cesário Leonel (Org.). Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.
- GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de filosofia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- MANNUCCI, Valério. Bíblia palavra de Deus: curso de introdução à Sagrada Escritura. São Paulo: Paulus, 1985.
- MESTERS, Carlos. Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 1983.
- \_\_\_\_\_. Por trás das palavras: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MONDIN, Battista. Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras. São Paulo: Paulus, 1980.
- NEGRU, Teodor. O debate entre Gadamer e Habermas e a universalidade da hermenêutica. Disponível em: <[http://www.academia.edu/406539/Negru\\_T\\_O\\_debate\\_entre\\_Gadamer\\_e\\_](http://www.academia.edu/406539/Negru_T_O_debate_entre_Gadamer_e_).....

35 Cf. ADRIANO FILHO, José. *Estética da recepção e hermenêutica bíblica*. In. NOGUEIRA, Linguagens da religião, p. 175.

Habermas\_e\_a\_universalidade\_da\_hermeneutica\_>.

- NOGUEIRA, Paulo A. S. (Org.). Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, 2012.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea. São Paulo: Loyola, 2001.
- PANASIEWICZ, Roberlei. Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré. São Paulo: Paulinas, 2007.
- PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (Orgs.). Deus na filosofia do século XX. São Paulo: Loyola, 1998.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. A revelação de Deus na realização humana. São Paulo: Paulus, 1995.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. São Paulo: Paulus, 2006, vol. 6.
- STEIN, Ernildo. A consciência da história: Gadamer e a hermenêutica. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/gadamer.htm>>.
- TORRES, Sérgio (Org.). A igreja que surge da base: eclesiologia das comunidades cristãs de base. São Paulo: Paulinas, 1982.
- VIGO, Alejandro. Hans-Georg Gadamer y la filosofía hermenéutica: la comprensión como ideal y tarea. Estudios Públicos, 87, 2002. Disponível em: <[http://www.cepchile.cl/1\\_3145/doc/hans-georg\\_gadamer\\_y\\_la\\_filosofia\\_hermeneutica\\_la\\_comprension\\_como\\_ideal\\_y\\_tar.html# UWydMEqLyes](http://www.cepchile.cl/1_3145/doc/hans-georg_gadamer_y_la_filosofia_hermeneutica_la_comprension_como_ideal_y_tar.html# UWydMEqLyes)>.
- VV.AA. O livro da filosofia. São Paulo: Globo, 2011.
- ZABATIERO, Júlio; SANCHEZ, Sidney; ADRIANO FILHO, José. Para uma hermenêutica bíblica. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

Recebido: 04/03/2013

Aprovado: 07/04/2013